

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

Centro de Ciências Sociais Aplicadas - CCSA

Curso de Administração - CADM

**ANÁLISE DO PLANEJAMENTO FINANCEIRO PESSOAL DOS
CLIENTES DE UMA AGÊNCIA BANCÁRIA DE JOÃO PESSOA/PB**

JOÃO PEDRO SOARES DA SILVA

JOÃO PESSOA

JULHO 2021

JOÃO PEDRO SOARES DA SILVA

**ANÁLISE DO PLANEJAMENTO FINANCEIRO PESSOAL DOS
CLIENTES DE UMA AGÊNCIA BANCÁRIA DE JOÃO PESSOA/PB**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de bacharel em Administração, pelo Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba / UFPB.

Professor Orientador: Profa. Ma. Suelle
Carielle de Souza e Silva

João Pessoa

Julho 2021

S586a Silva, Joao Pedro Soares da.

Análise do planejamento financeiro pessoal dos clientes
de uma agência bancária de João Pessoa/PB / Joao Pedro
Soares da Silva. - João Pessoa, 2021.
33 f. : il.

Orientação: Suelle Cariele Souza e Silva.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Planejamento financeiro. 2. Investimento. 3.
Educação financeira. 4. Finanças pessoais. I. Souza e
Silva, Suelle Cariele. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 005 (02)

Folha de aprovação

Trabalho apresentado à banca examinadora como requisito parcial para a Conclusão de Curso do Bacharelado em Administração

Aluno: João Pedro Soares da Silva

Trabalho: Análise do planejamento financeiro pessoal dos clientes de uma agência bancária de João Pessoa/PB

Área da pesquisa: Finanças

Data de aprovação: 01/07/2021

Banca examinadora

Suelle Cariele de Souza e Silva

Orientador

Cláudio Pinheiro

Membro 1 (obrigatório)

Membro 2 (opcional)

DEDICATÓRIA: Dedico a todos os clientes da agência bancária em que a pesquisa de campo foi realizada e a todos que dispuseram a me ajudar nesse trabalho, permitindo conhecer um pouco sobre sua realidade financeira.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, Ele o criador do universo, pelo dom da minha vida e por todas as bênçãos concedidas por ele que culminaram na realização do meu curso e na finalização desse trabalho. Que ele continue me abençoando por toda minha vida profissional.

Aos meus pais que sempre me apoiaram e sonharam junto comigo. Vocês são os responsáveis por mais essa conquista. Obrigado por terem me criado nos caminhos de Deus, me ensinando valores e princípios que levarei para o resto da minha vida.

A minha namorada por toda paciência durante toda minha trajetória na Universidade Federal da Paraíba e principalmente durante a elaboração do trabalho final do curso, sendo minha rocha, me sustentando e me dando forças para seguir.

A todos os colegas de trajetória meu muito obrigado. Alberto sempre com seu jeito irreverente e disposto a ajudar a todos. Andreza, por sempre estimular e nos levar pra frente. Antony, por toda brincadeira, amizade durante esse período e criatividade nos trabalhos. Samuel, o gênio das exatas, sempre que precisei ele apareceu com as soluções e sempre mostrou os melhores caminhos. Vocês tornaram essa caminhada mais rápida, leve e prazerosa. Aos mestres professores, quero agradecer todos os ensinamentos e paciência para conosco, meros alunos. E em especial a minha orientadora professora mestre Suelle Silva, que me auxiliou a realizar esse sonho e me direcionou aos melhores caminhos para que eu chegasse até aqui.

“Tudo o que um sonho precisa para ser realizado é alguém que acredite que ele possa ser realizado.”
Roberto Shinyashiki

RESUMO

O presente estudo tem por finalidade identificar como os clientes de uma agência bancária localizada em João Pessoa organizam suas finanças pessoais. Especificamente, verificar o percentual de usuários dos serviços bancários da agência pesquisada que realizam planejamento financeiro; identificar o percentual de usuários dos serviços bancários da agência pesquisada que realizam investimentos; investigar o nível de conhecimento sobre finanças pessoais. Utilizou-se de instrumento de coleta de dados primários, composto por trinta e uma questões objetivas. Foi aplicado com 100 clientes daquele posto bancário. Concluiu-se que 60% dos entrevistados realizam planejamento financeiro pessoal, desses, 64,18% realizam mensalmente e o caderno foi colocado por 36,92% como o meio utilizado para o controle das finanças. Verificou-se também que 53% dos entrevistados, comprometem mais de 30% da renda mensal com empréstimos e financiamentos. Ademais, 51% declarou realizar investimento financeiro, sendo 90,20% investimentos em renda fixa, o que pode ser justificado com o fato de que 70% dos entrevistados afirmaram que não aceita um investimento com maior risco mesmo garantindo um maior retorno. Com isso, infere-se que o perfil dos entrevistados é o conservador, pois, o risco não é tolerado em seus investimentos. Por fim, 78% declarou ser seguro ou totalmente seguro em gerenciar seu próprio dinheiro.

Palavras-chave: Planejamento financeiro. Investimento. Educação financeira. Finanças pessoais.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REVISÃO DA LITERATURA	10
2.1 ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA.....	10
2.2 PLANEJAMENTO FINANCEIRO.....	11
2.3 INVESTIMENTOS	12
2.3.1 INVESTIMENTO EM RENDA FIXA	13
2.3.2 INVESTIMENTO EM RENDA VARIÁVEL	13
2.4 EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS	14
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
4. RESULTADOS.....	16
4.1 PERFIL DOS RESPONDENTES.....	16
4.2 PLANEJAMENTO FINANCEIRO.....	16
4.3 INVESTIMENTO.....	20
4.4 FINANÇAS PESSOAIS.....	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
6. REFERÊNCIAS.....	27
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO.....	31

1 INTRODUÇÃO

Educação financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e a sociedade melhoram sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessárias para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, a partir de então, fazer suas escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar (ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO – OCDE, 2005). A educação financeira contribui de modo mais consistente para a formação de indivíduos comprometidos com o futuro.

Nascimento et al. (2016) conceitua alfabetização financeira como sendo a capacidade de fazer julgamentos e tomar decisões sobre o uso do dinheiro. O referido autor afirma que a maioria da população mundial apresenta baixos níveis de alfabetização financeira. Além disso, é válido ressaltar a importância da educação financeira, tendo em vista que é ela que norteará os hábitos de consumo, investimento e percepção a risco que as pessoas têm (SILVA, et al. 2017).

Segundo Vieira et al.(2011), o Governo Federal, em 2007, preocupado com educação financeira, criou um grupo de trabalho com representantes do Banco Central (BACEN), da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), da Superintendência de Seguros Privados (SUSEP) e do Seguro de Previdência Complementar (SPC), com o intuito de desenvolver um inventário de ações de projetos voltados para a educação financeira no país, além de mapear o grau de conhecimento financeiro da população brasileira. Esse grupo desenvolveu um site <www.vidaedinheiro.gov.br> para que as empresas realizadoras de projetos voltados para a educação financeira cadastrarem e informem o governo suas ações sobre esse tema.

Surge, então, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), criada em 2010 e renovada em 2020 através do Decreto Federal nº10.393. Segundo o relatório do Banco Central (2011), a ENEF, têm por objetivo promover e fomentar a cultura de educação financeira no país, ampliar a compreensão do cidadão e contribuir para a eficiência e a solidez do mercado financeiro. Nesse programa, existe uma série de ferramentas para educação financeira, desde a conversão de moedas a dúvidas sobre empréstimos e financiamentos, simulações de juros pagos nas modalidades de crédito existentes e dúvidas sobre cheque sem fundos. Somado a isso, se o usuário estiver endividado, o site fornece dicas de como proceder para sanar todos os seus débitos. Caso deseje iniciar em investimentos, o programa mostrará por onde começar e qual caminho seguir. Esse site é acessado de maneira gratuita e está disponível para todo cidadão.

Mesmo com esses projetos na área de educação financeira para a população brasileira, nota-se um baixo nível de conhecimento sobre esse tema. Vieira et al. (2011) afirma que mesmo com esses recursos, sites e uma variabilidade de projetos menores, eles ainda não são suficientes para atender a demanda interna da população.

A educação financeira desenvolve habilidades que facilita as pessoas de tomarem decisões certas e de fazer boa gestão das finanças pessoais, afirma Vieira et al. (2011). Assim, este trabalho tem como problema de pesquisa entender: **Como os clientes de uma agência bancária localizada em João Pessoa organizam suas finanças pessoais?** Portanto, pretende-se verificar como os clientes de uma agência bancária localizada em João Pessoa organizam suas finanças pessoais. Especificamente, verificar o percentual de usuários dos serviços bancários da agência pesquisada que realizam planejamento financeiro; identificar o percentual de usuários dos serviços bancários da agência pesquisada que realizam investimentos; investigar o nível de conhecimento sobre finanças pessoais dos usuários dos serviços bancários da agência pesquisada.

Segundo o BACEN (2020), o número de usuários de serviços bancários dos cinco maiores bancos físicos do Brasil (Caixa Econômica Federal, Banco Bradesco, Banco Itaú, Banco do Brasil e Banco Santander) era de aproximadamente 414 milhões no ano de 2020. Somado a isso, os bancos digitais contam atualmente com 28 milhões de usuários no Brasil (EU QUERO INVESTIR, 2020). Segundo a B3 - Brasil, Bolsa, Balcão (2020), o número de investidores ativos em abril de 2020 chegou a 2,38 milhões, um número baixo, se comparado ao total de clientes usuários dos serviços bancários e ao total de pessoas economicamente ativas no Brasil, a saber 83,3 milhões segundo o IBGE (2020).

Piccini e Pinzetta (2014) afirmam que esse tema vem sendo falado nos espaços sociais há um certo tempo. Por isso, com o aumento no número de investimentos realizados no Brasil, surge a necessidade de verificar o nível de conhecimento que os clientes de serviços bancários possuem a respeito de investimento, ou seja, seu nível de educação. Segundo Correio Braziliense (2020), em 2002, o número de investidores na Bolsa de Valores de São Paulo era de 85,2 mil. Em 2020, esse número chegou à marca de 2,38 milhões de investidores na pessoa física, com um montante total de R\$ 303 bilhões. O Diário do Comércio (2020) atribui esse aumento a era digital, que tornou possível a compra e venda de títulos pelo *smartphone* e pelo computador. Somado a isso, eles afirmam que o investimento em informação e propagandas por parte dos bancos, fez com que fossem atraídos cada vez mais clientes e novos investidores. O Banco Central do Brasil, em seu relatório divulgado no ano de 2011, também confirma essa tese. Atribui esse aumento do número de investidores a sofisticação do sistema financeiro do país, a ampliação na quantidade de produtos ofertados aos clientes e a acessibilidade aos produtos bancários.

Piccini e Pinzetta (2014) afirmam que além do entendimento das próprias atitudes e comportamentos financeiros, deve-se adquirir conhecimentos sobre investimentos, aplicações financeiras, imóveis, tesouro nacional, ou até mesmo renda variável. Cerbassi (2009) afirma que antes de investir é necessário buscar em suas contas sobra de recursos financeiros. Portanto, para se investir é necessário entender sobre finanças pessoais e ter noções de planejamento financeiro a fim de compreender os riscos que os investimentos trazem consigo e seus retornos. Dessa maneira, percebe-se a importância das finanças pessoais, possibilitando ao indivíduo ter uma vida tranquila, sem dívidas e podendo multiplicar o seu capital no futuro.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA

Robb, Babiarz e Woodyard (2012) afirmam que alfabetização financeira abrange a capacidade de entender informações financeiras e de tomar decisões eficazes e que estejam de acordo com essas informações que foram compreendidas. A alfabetização financeira é a capacidade de entender e utilizar o conhecimento e as técnicas aprendidas para uma melhor gestão do capital financeiro pessoal (HUNG; PARKER; YOONG, 2009). Convergindo com essas definições, Potrich, Vieira e Kirch (2015) afirmam que a alfabetização financeira auxilia os indivíduos nas decisões financeiras, com a finalidade de que sigam caminhos mais corretos e eficientes. Somado a isso, a alfabetização financeira, inclui definições, conhecimentos de técnicas financeiras e capacidade financeira. Os mesmos autores afirmam que a alfabetização está cada vez mais sendo reconhecida como um elemento de estabilidade e desenvolvimento econômico e financeiro.

Savoia et al. (2007) conceitua alfabetização financeira como sendo o processo de adquirir conhecimentos e técnicas que embasem uma tomada de decisão mais segura, aperfeiçoando a gestão financeira pessoal. Potrich et al. (2013) conceitua alfabetização

financeira como sendo a habilidade que as pessoas devem possuir para operar em um mercado financeiro cada vez mais volátil. Por isso, torna-se necessário ter esse conhecimento para que a partir dele, o cidadão possa tomar decisões racionais sobre como gerir suas finanças pessoais, planejar o futuro e optar por caminhos que irão influenciar diretamente em seu capital financeiro.

A alfabetização financeira está se tornando cada vez mais necessária para garantir o pleno funcionamento da economia e dos mercados financeiros mundiais (VIERA ET AL., 2016). Em um período de recessão econômica ou crise financeira, possuir esse conhecimento será um diferencial positivo, pois ter essa habilidade irá ajudar para tomada de decisão e em escolhas conscientes sem gerar impactos negativos para a vida financeira pessoal. Donadio et al. (2012) afirma que a crise econômica de 2008 teve início com o elevado número de empréstimos para a aquisição de imóveis, tomado pela população de baixa renda e que não possuíam conhecimento financeiro necessário para essa operação. Esses empréstimos por parte da população resultaram na bolha financeira imobiliária, que se tornou um dos fatores que desencadearam a crise econômica mundial de 2008, resultante de decisões tomadas sem uma avaliação criteriosa por parte dos tomadores.

A alfabetização financeira vem sendo considerada um fator de estabilidade e desenvolvimento financeiro econômico (POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2015). O pouco conhecimento em finanças da população tem impactos negativos graves na sociedade. A falta de uma alfabetização financeira efetiva na vida das pessoas resulta no super endividamento, que é a impossibilidade de quitar as dívidas de curto, médio e longo prazo, ocasionando o aumento do número de inadimplentes nos órgãos de proteções ao crédito. Esse super endividamento pode resultar em crises financeiras na família, em uma economia local ou até mesmo mundial, como falado anteriormente, no caso da bolha financeira imobiliária dos Estados Unidos. As decisões tomadas por impulso, sem planejamento financeiro ocasionam esses impactos negativos, prejudicando a economia como um todo.

Diante disso, possuir o conhecimento da alfabetização financeira para gerir seu dinheiro é necessário, pois colocando em prática a realização de planejamento financeiro, elencando receitas e despesas, antecipando o pagamento de dívidas, comprando itens à vista mediante desconto, separar o valor necessário para os gastos mensais, para investimentos e para reserva de emergência, vai gerar uma maior tranquilidade na administração financeira pessoal, pois isso irá contribuir para pessoas responsáveis financeiramente, evitando assim o super endividamento e reduzindo a inadimplência. Diante disso, não basta apenas ganhar um bom salário, deve-se colocar em prática essas técnicas e saber gastar e de forma consciente e precisa. O domínio dessas práticas irá ajudar o cidadão em seu planejamento financeiro de curto médio e/ou longo prazo, ora para a aquisição de algum objeto pessoal ora para uma viagem em família ou até mesmo uma maior segurança em sua aposentadoria no futuro. Tudo isso se torna possível, com o entendimento da necessidade de ter-se um conhecimento elevado de alfabetização financeira e de finanças pessoais.

2.2 PLANEJAMENTO FINANCEIRO

Planejamento é o processo envolvido para que uma meta seja alcançada de maneira eficaz e eficiente (OLIVERA, 1999). Planejamento financeiro é seguir uma estratégia precisa deliberada, dirigida e voltada para o curto, médio e longo prazo (FRANKENBERG, 1999). É um método de programação do orçamento familiar ou pessoal que através dele se organizam as receitas e despesas, e a partir disso se controla os gastos mensais, quinzenais ou semanais.

Engana-se quem acha que um planejamento financeiro é apenas guardar dinheiro, deixar ele aplicado por um determinado período em uma poupança ou outra linha de investimento. O planejamento trata em definir caminhos para se tomar decisões inteligentes,

facilitando a administração da renda mensal, estabelecendo metas, seja para aquisição de bens ou serviços, seja para pagamentos de dívidas de curto ou longo prazo.

Santos e Silva (2014) concluem que satisfazer os desejos momentâneos, sem o devido planejamento, resulta em endividamento financeiro familiar, trazendo graves consequências para as famílias. Por isso, torna-se necessária a aplicação do planejamento financeiro pessoal na administração das finanças familiares, com a finalidade de evitar o super endividamento, evitando que decisões sobre finanças sejam tomadas por impulso ou influenciadas por outros fatores, sem ser levado em consideração a capacidade financeira de sanar as obrigações. Por muitas vezes achar que não conseguirão realizar sonhos grandes, muitas pessoas acabam por gastar seu dinheiro em objetos fúteis e desejo imediato, sem necessidade, comprando por impulso, sem planejamento (DOMINGOS, 2007).

A não existência de limites irá levar ao consumo descontrolado, pois diversas vezes, as pessoas consomem sem ser necessário e acabam se arrependendo (SANTOS; SILVA, 2014). Fica evidente que o planejamento financeiro correto resultará em um gasto consciente e planejado do dinheiro, estabelecendo limites e revendo necessidades, para que de acordo com esses fatores, o indivíduo possa tomar a melhor decisão para suas finanças e sua vida.

O planejamento financeiro é um ensino para toda a vida em que o trabalhador aprende técnicas para administrar sua renda, a partir disso, fazer planos com o seu dinheiro e entender o seu limite de gastos, fazendo com que os seus ganhos sejam otimizados e realizados de uma maneira consciente. Santos e Silva (2014) sustentam que é através do planejamento financeiro que se consegue estabelecer metas para curto e longo prazo, tais como: viagens, aquisição de bens, investimentos. Somado a isso, os referidos autores afirmam que para isso, é necessário controlar o que se ganha e o que se gasta, assim o indivíduo consegue ter uma boa qualidade de vida financeira. Piccini e Pinzetta (2014) afirmam que saber de onde vem e saber para onde vai o dinheiro é o ponto fundamental e que os gastos fiquem condicionados ao que se dispõe. O planejamento ajudará a entender suas necessidades, em que será útil gastar aquele dinheiro e o que pode ser cortado do orçamento (CERBASSI, 2009).

O planejamento financeiro é um dos caminhos que levam o indivíduo para a educação financeira. Ele deve começar o quanto antes, pois gera resultados e mais consciência para aproveitar de forma mais tranquila a aposentadoria (SEGUNDO FILHO, 2003). Muitas pessoas ao realizar o planejamento financeiro, relatam que tem a percepção de que o dinheiro dobrou ou que a sua renda aumentou, mas de fato, o que houve foi apenas um maior controle dos gastos mensais, reduzindo os gastos não programados. Dietrich et al. (2016) diz que o planejamento financeiro pessoal norteia quem quer poupar e investir recursos para uma aposentadoria confortável como forma de complemento a previdência social.

2.3 INVESTIMENTOS

Lemes, Rigo, Cherobim (2005) afirmam que investimento financeiro é toda aplicação de capital em algum ativo para obter determinado retorno. É uma forma de transformar dinheiro em ações, títulos do governo, imóveis para ter um retorno maior que o valor investido.

O investidor alocará seus recursos numa opção de investimento de acordo com o seu perfil de investimento. Santos (2002) define os perfis de investimento em conservador, moderado e o perfil agressivo. O conservador é aquele que não tolera riscos, que quer saber da rentabilidade no momento da aplicação, prefere ter um lucro menor, porém com a segurança maior de que terá retorno. Já o moderado, é aquele que entende, mesmo que pouco, do mercado financeiro, já investiu e já tolera um pouco de risco. Pode investir em renda fixa e no mercado de ações. O perfil agressivo é o perfil no qual o cliente tem conhecimento de mercado, sabe dos riscos inerentes ao investimento, mas, por uma rentabilidade maior acaba

por optando por um investimento mais arriscado. Investe em todo (ou maior parte) mercado de renda variável, ou grande parte, e está disposto a rentabilidade maior por um risco muito maior.

2.3.1 Investimento em Renda Fixa

O investimento em renda fixa é considerado mais seguro por ter índices de rentabilidade atrelados a indexadores do governo, tais como: Taxa Selic (taxa de juros básica da economia), IGP (índice geral de preços), IPCA (Índice de Preço ao Consumidor), TR (taxa referencial) e o CDI (certificado de depósito interbancário). É ideal para perfil conservador, ou seja, para aquele investidor que deseja o mínimo de risco possível, apresentando uma segurança maior.

Balthazar (2018) afirma que mercado de renda fixa é aquele tipo de investimento que o ganho futuro é conhecido e que a rentabilidade é determinada no ato da aplicação. Segundo Brogini (2008), as aplicações em renda fixa podem ser pré ou pós-fixadas. A diferença é que a primeira o investidor já sabe de forma precisa a rentabilidade da aplicação, a taxa de juros que incidirá sobre o capital inicial. Já a pós-fixada, a taxa será atrelada a algum índice (indexadores), que irá corrigir o valor aplicado. A rentabilidade será conhecida no momento do resgate da aplicação. Nas duas modalidades, o investidor terá conhecimento dos critérios do rendimento do capital aplicado.

Balthazar (2018) classifica os investimentos em renda fixa em: certificado de depósito bancário (CDB), as letras de crédito (LCI, LCA), debêntures, fundos de renda fixa, títulos públicos e o investimento mais conhecido, talvez conhecido por todos os brasileiros, a caderneta de poupança. O mesmo autor afirma que os investimentos em renda fixa aparecem como uma boa alternativa, para quem deseja menos risco, mais segurança no capital investido.

A poupança é um investimento, uma vez que quando o cliente deixa o dinheiro na poupança o banco utiliza para poder investir em outras áreas e retorna ao cliente com juros. Como a taxa SELIC, em 2020 chegou a 2%, aplicando o valor na poupança, o rendimento mensal será de 0,11% mensal ou 1,4% anual, valor bem abaixo da inflação, 0,64% ao mês ou 3,14% acumulado nos últimos doze meses, dados do IBGE (2020). Portanto, conclui-se que o investimento em poupança não está rentável, em outras palavras, deixando o dinheiro aplicado na poupança o investidor estará perdendo dinheiro, uma vez que a inflação é superior ao rendimento.

2.3.2 Investimento em renda variável

A segunda modalidade de investimento é o investimento em renda variável. Esse é o tipo de investimento em que não se consegue prever o possível retorno que ele trará. Santos (2002) afirma que a principal característica desse tipo de investimento é a incerteza de retorno.

De Almeida (2017) afirmam que investimentos em renda variável é o tipo de investimento que o ganho não é conhecido pelo investidor no momento da aplicação, por isso é recomendado para os investidores com o perfil arrojado, devido ao risco ser maior. Os investimentos de renda variável mais expressivo são os negociados na bolsa de valores, são mais arriscados e exigem gestão profissional e tendem a render mais do que outros ativos financeiros, porém é preciso saber a hora certa de comprar e vender, afirma Pires (2006). É recomendado para pessoas que entendam sobre o mercado, como funciona e saiba dos riscos atrelados a essa operação. As ações é o tipo de investimento mais conhecido em renda variável. Ouro e derivativo são exemplos também de investimento em renda variável.

2.4 EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS

Em seu estudo sobre finanças pessoais, Claudino et al. (2009) realizou um estudo de caso com servidores públicos da Universidade Federal de Viçosa com o objetivo de verificar o nível de endividamento dos entrevistados e se haveria a necessidade de implantar um programa sobre educação financeira. Foram entrevistados 343 servidores em um universo de 2382 servidores naquela instituição. Após aplicação do questionário e análise dos dados, os autores afirmam que quanto ao endividamento, nesse estudo, os entrevistados em sua grande maioria estão pouco endividados, no entanto, o restante dos entrevistados está em sobre risco de endividamento ou sobre endividados. Já o nível de educação financeira dos servidores públicos é insatisfatório, pois há carência de conhecimento em vários assuntos tais como planejamento financeiro e controle de compras, portanto verificou-se a necessidade da implementação do programa sobre educação financeira.

Lizote (2017) entrevistou 246 estudantes de ciências contábeis de uma instituição de ensino superior no estado de Santa Catarina, de um universo de 492 alunos. Através desse estudo, o autor buscou analisar o nível de conhecimento em educação financeira pessoal dos alunos entrevistados. Ele pediu para que os entrevistados respondessem um questionário com 34 perguntas sobre o tema de finanças pessoais, entre outros assuntos, como gestão de crédito e financiamento. Para isso eles precisavam atribuir uma nota de 0 a 10 sobre como era nível de conhecimento sobre cada pergunta que era realizada. O estudo concluiu que a média das respostas foi 7,20, quando a pergunta realizada foi sobre qual nota o entrevistado daria para sua finança pessoal. Portanto, nota-se que grande parte dos entrevistados possuem um nível de conhecimento de finanças pessoais acima da média naquela amostra estudada.

Piccini e Pinzetta (2014) discutiram um estudo sobre planejamento financeiro pessoal e familiar com a população de Chapecó (SC). Eles buscaram entender como se encontra as finanças, o endividamento e o índice de conhecimento financeiro dos entrevistados, bem como apresentar alternativas para que os questionados possam realizar seus planejamentos financeiros pessoais e familiares. A pesquisa utilizou de questionário online, 362 pessoas responderam as perguntas. Após análise dos dados coletados, os autores concluíram que os entrevistados possuem um nível de conhecimento sobre planejamento financeiro positivo, tendo números superiores se comparado com o restante do país. No entanto, 67% dos estudados estão com mais de 30% de sua renda comprometida com empréstimos e obrigações a pagar. Somado a isso, apenas 5% das pessoas afirmaram que tem conhecimento em investimentos. Diante disso, torna-se necessária que essa temática deve ser amplamente abordada para ensinar a população a investir e tomar decisões conscientes sobre o comprometimento e o uso racional do dinheiro. Os autores também sugerem que disciplinas como planejamento financeiro e finanças sejam implantadas na educação básica obrigatória, garantindo um conhecimento para todos os cidadãos.

Oliveira et al. (2018) realizaram um estudo com alunos da faculdade de administração, ciências contábeis e economia da Universidade Federal da Grande Dourados (FACE/UFGD). O objetivo da pesquisa busca descrever as características referentes a planejamento financeiro dos alunos entrevistados. A amostra utilizada na pesquisa foi de 197 alunos, de um total de 666 alunos matriculados no segundo semestre letivo do ano de 2014, nos três cursos de graduação. Eles responderam um total de 34 perguntas de múltipla escolha sobre o referido tema, em um questionário impresso. Após a análise dos dados coletados, verificou-se que 32% deles tiveram uma educação financeira no leito familiar, 32% durante a formação acadêmica, 30% buscaram entender do assunto por conta própria e 6% afirmaram nunca terem sido orientados quanto ao assunto. Os dados demonstram que 62% responderam positivamente de que possuem dívidas a pagar mensalmente, no entanto, apenas 27%

afirmaram possuir mais de 30% de sua renda comprometida com gastos mensais. Nas perguntas sobre planejamento financeiro, os resultados mostram que 40% dos entrevistados possuem investimentos financeiros e que 62% desses, investem em renda fixa e apenas 3% investem em renda variável, demonstrando que o público que respondeu a pesquisa possui um perfil conservador, com aversão a risco. Diante do exposto, nota-se que maior parte dos entrevistados possuem conhecimento sobre o assunto e entendem da importância de controlar suas finanças pessoais.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O tipo de pesquisa escolhido para esse trabalho será descritiva, porque visará identificar e descrever como os clientes de uma agência bancária da cidade de João Pessoa organizam suas finanças pessoais. Além disso, visa estudar a forma como os entrevistados realizam seu planejamento financeiro, identificando se realizam investimentos e o nível de conhecimento em finanças pessoais. A pesquisa buscará descrever características e comportamentos dos usuários dos serviços bancários daquele posto de atendimento. Triviños (1987) afirma que esse tipo de pesquisa requer do entrevistador uma série de informações para descrever fatos e fenômenos da amostra estudada. Para ele, esse tipo de pesquisa descreve os fatos e tem um caráter objetivo, ou seja, não há interferência do investigador nas respostas dos entrevistados.

A abordagem a ser utilizada será quantitativa, visto que, tratará de uma pesquisa objetiva e utilizará de formulário para se obter as respostas. Berto et al. (1999) afirma que esse tipo de abordagem busca análises da realidade, possuindo característica de investigação, tendo como respostas dados objetivos e hipóteses fortes e bem elaborada. Utiliza-se de uma abordagem estruturada e uma técnica de análise dedutiva, isto é, parte do geral para o particular. Tira-se uma amostra para entender o comportamento daquele grupo como um todo.

O universo pesquisado é em torno de cinco mil pessoas que totalizam o número de usuários atendidos naquele posto de atendimento. A coleta de dados foi composta por 31 perguntas. Dessas perguntas, seis estão relacionadas a dados sócios demográficos, dez perguntas sobre planejamento financeiro pessoal, sete perguntas sobre investimentos e oito perguntas sobre conhecimento em finanças pessoais. A coleta de dados foi realizada nos meses de abril de 2021 com 100 usuários do serviço daquele posto bancário.

Os dados obtidos serão de fontes primárias, ou seja, são dados que ainda não foram estudados e irão responder o problema dessa pesquisa. Mattar (2005) afirma que os dados primários são aqueles que nunca foram analisados. O nível de pesquisa é o nível individual, ou seja, cada pessoa vai responder de acordo com o seu conhecimento a respeito de conhecimento sobre o tema e as perguntas realizadas. A coleta de dados foi realizada a partir do início de abril de 2021 e foi feita através de questionário impresso, estruturado, aquele que apresenta respostas fechadas, sendo ágil na captação das respostas. A aplicação do questionário foi realizada presencialmente pelo próprio aluno de administração da Universidade Federal da Paraíba. Devido a pandemia da COVID-19, na cidade de João Pessoa, houve uma série de restrições para evitar a propagação do vírus, e devido a isso, houve a limitação da circulação na cidade, prejudicando o fluxo de clientes nas agências bancárias, com isso, o atendimento ao público nas agências bancárias foi reduzido por conta desses decretos, o que implicou em uma amostra limitada para essa pesquisa, com cem respondentes.

4 RESULTADOS

Nesta seção serão apresentados os resultados obtidos com a pesquisa. Atingimos o objetivo de conhecer o nível de conhecimento em finanças, em planejamento financeiro pessoal e investimentos.

4.1 Perfil dos entrevistados

A análise dos dados descreve que dos 100 entrevistados 57% são pessoas do sexo masculino e 43% do feminino, 3% dos entrevistados tem de 18 a 21 anos, 24% tem entre 21 a 30 anos, 17% respondentes declaram possuir ter entre 31 a 40, 15% possuem até cinquenta anos e 41% declaram possuir ter mais de cinquenta anos.

Com relação à escolaridade, 11% dos entrevistados tem apenas ensino fundamental, 20% possuem nível médio, 33% declaram ter curso superior, 22% possuem cursos de especialização, 6% são mestres e 8% afirmaram possuir outro nível de escolaridade, 10% declarou possuir renda mensal de até R\$1.045,00, 15% entre R\$1.045,00 e R\$2.090,00, 25% entre R\$2.090,00 a R\$4.180,00 e os demais, declaram possuir renda superior a R\$4.180,00.

Em relação aos dependentes, 29% dos entrevistados afirmaram não possuir dependentes e 71% declaram ter uma ou mais pessoas que dependem de seu orçamento financeiro. Quanto ao estado civil, 31% são solteiros, 48% casados e o restante, se dividem em divorciado, viúvo ou possuem outro estado civil. Nota-se que há uma predominância de um respondente possuir no mínimo um dependente, fato esse que pode se atrelar ao fato de que 73% dos entrevistados têm idade igual ou superior a 31 anos.

4.2 Planejamento financeiro

O segundo bloco de perguntas visa identificar o conhecimento que os respondentes têm a respeito de planejamento financeiro pessoal. De início foi perguntado se os entrevistados realizam algum tipo de planejamento financeiro pessoal e 60 entrevistados afirmaram realizar e 40 não realizam.

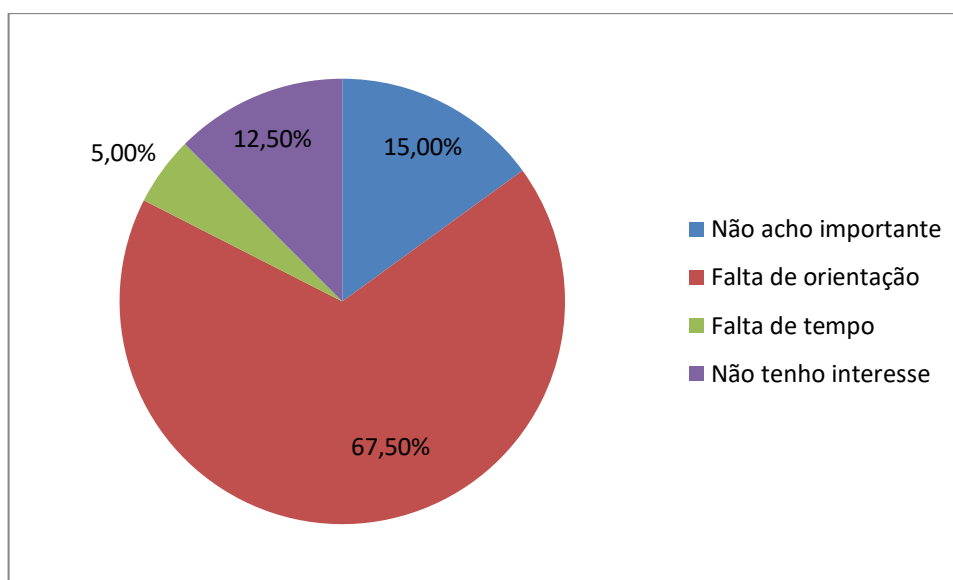


Gráfico 1: Motivos para não realização do planejamento financeiro

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

De acordo com o gráfico 1, percebe-se que dentre os respondentes que não fazem planejamento financeiro, 67,5% não realiza por falta de orientação de como fazer, 15% por não achar importante, 12,5% por não ter interesse e 5% alegam falta de tempo. A não realização de um planejamento financeiro impacta no orçamento, pois, sem esse planejamento e sem o controle das receitas e despesas, o indivíduo fica impossibilitado de saber como e onde está sendo gasto seu salário. Dos entrevistados que não realizam planejamento por falta de orientação, conclui-se que 77,78% tem idade igual ou superior a 40 anos, o que demonstra a deficiência desse ensino no ensino básico brasileiro, uma vez que nunca foram ensinados a respeito desse tema e já estão com uma idade avançada, tendo passado o período de formação acadêmica. Com essa idade, a resistência a novos aprendizados aumenta, o que dificulta que essas pessoas sem a orientação possam adquirir o conhecimento e começar a realizar o controle de seus gastos de forma eficaz.

Conclui-se também que mais de dois terços dos respondentes que não fazem planejamento é devido a falta de orientação. Posteriormente foi perguntado aos respondentes de onde foi adquirido o conhecimento para gerir seu próprio dinheiro e apenas 1% respondeu que teve o conhecimento adquirido em aulas na escola, o que fica evidenciado a falta de disciplinas de educação financeira na educação básica. A inserção desse assunto nas disciplinas básicas da educação dos jovens evitaria o endividamento das pessoas no futuro e traria uma maior segurança na gestão de suas finanças.

Quando perguntado sobre a frequência em que é realizado o controle dos gastos dentre os que responderam que realizam planejamento financeiro, 64,18% realizam o controle de forma mensal, 17,91% semanalmente, 11,94% de forma quinzenal, 5,97% diariamente. Por fim, 33 pessoas disseram que não realizam o controle dos seus gastos de nenhuma forma, seja semanal, mensal, quinzenal ou semestral. Nota-se que o número de pessoas que não realizam o planejamento diminuiu em relação à pergunta anterior em sete respondentes, o que pode ser explicado pelo fato do questionado não saber o que é o planejamento financeiro pessoal e ao verificar a pergunta seguinte, em que se indaga a periodicidade do planejamento, lembrou que em algum momento de sua vida esse planejamento já realizou e no momento não realiza mais. Oliveira et al. (2018) em seu estudo com alunos de uma instituição de ensino, concluíram que 8% realizam diariamente o controle dos seus gastos, 21% semanalmente, 54% mensalmente e 4% quando se lembram.

Aos usuários, foi questionado qual a forma que eles utilizam para controlar seus gastos. 30,77% realiza seu controle através de planilhas eletrônicas, o mesmo percentual foi obtido para planejamento financeiro realizado através de celular (APP's), 36,92% organizam suas finanças em um caderno e 1,54% afirmou utilizar de outras formas para controlar suas receitas e despesas. Braido (2014) em seu estudo com alunos de cursos da área de gestão verificou que 47% das pessoas entrevistadas utilizam o caderno como forma de controlar seus gastos, 46% através de planilha eletrônicas e 2% por meio de extratos bancários. Silva et al. (2014), em seu estudo com estudantes do curso de graduação em administração na Universidade Federal da Bahia, concluíram que 58,97% dos respondentes utilizam da ferramenta de planilha eletrônica para controle de gastos, 17,95% anotações em papel, 10,26% utilizam meios eletrônicos.

Portanto, infere-se que nos dois referidos trabalhos realizados com alunos de ensino superior, a planilha eletrônica foi o meio mais utilizado para o controle das entradas e saídas de dinheiro, o que pode ser justificado pela idade dos respondentes, no estudo de Braidó (2014) 95,19% tem idade igual ou inferior a 35 anos e no de Silva et al. (2014), 80% têm até 26 anos de idade. Além disso, por se tratar de alunos de cursos superiores existe uma maior facilidade deles em utilizar essa ferramenta. Já na pesquisa atual o meio caderno foi a ferramenta mais utilizada pelos respondentes para elaboração do seu planejamento financeiro pessoal, mesmo atualmente existindo tantos meios e recursos tecnológicos para isso. Dos que responderam o caderno como o meio utilizado para elaboração do planejamento financeiro, 66,67% deles, possuem idade igual ou superior a 40 anos. Nessa faixa etária há uma tendência maior em existir aversão à tecnologia quando comparado a pessoas de uma faixa etária menor. Somado a isso, a anotação no caderno pode evidenciar um aprendizado aprendido na prática sem a devida instrução, o que evidencia a deficiência brasileira na educação no que se diz respeito a educação financeira. Logo, infere-se que quanto mais jovem, mais acessos a meios tecnológicos para realização do planejamento financeiro o indivíduo irá dispor para controlar suas finanças.

Também foi perguntado se o indivíduo possui reserva de emergência, entendido como a reserva para gastos inesperados que gera tranquilidade e conforto nas finanças pessoais. Dos 100 entrevistados, 51% deles, responderam que possuem e 49% afirmou não possuir qualquer tipo de reserva. Dos que possuem reserva de emergência, concluiu-se que 62,74% têm até 40 anos de idade, evidenciando que as pessoas mais velhas não tem preocupação com relação a seu futuro financeiro, uma vez que, a reserva de emergência é um valor que será utilizado em eventuais urgências, como por exemplo, problema de saúde ou até mesmo a perda da principal fonte de renda, tornando-se necessária no planejamento financeiro pessoal. Em seguida, foi questionado por quanto tempo o entrevistado conseguiria manter seu padrão de vida caso perdesse toda sua fonte de renda.

Tabela 1 - Manutenção do padrão de vida

Periodicidade	Frequência absoluta	Frequência relativa %
Menos de um mês	24	33,33%
Até 3 meses	19	26,39%
Até 6 meses	14	19,44%
Até 12 meses	6	8,33%
Mais de 12 meses	9	12,50%
Total	72	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Como se pode observar na Tabela 1, dentre os que possuem reserva de emergência, 33,33% responderam que conseguiria manter por menos de um mês, 26,39% até três meses, 19,44% em um período de até seis meses, 20,83% por mais de 6 meses. Esse percentual de não possuir reserva financeira é superior ao verificado por Oliveira et al. (2018), cujo trabalho, concluiu que 39% dos respondentes não possuem qualquer tipo de reserva de emergência. Já no quesito de manter o padrão de vida caso deixasse de possuir aquela renda

mensal, o referido estudo concluiu que 26% têm uma reserva para até três meses, 18% de quatro a seis meses, 9% de sete a doze meses e 8% acima de doze meses. Torna-se necessário possuir reservas para eventuais imprevistos que venham acometer a renda mensal familiar, pois só assim será evitada a contratação de empréstimos de longo, o que evita o endividamento.

Em relação ao futuro financeiro, 43% afirmou ter preocupação, mas ainda não há nenhum tipo de planejamento, o que gera uma preocupação, pois 56% dos entrevistados tem idade igual ou superior a quarenta anos e já deveriam ter um planejamento para o futuro e já deveriam ter colocado em prática. Já 30% declarou ter planejamento e ter colocado em prática, 17% tem o planejamento, mas ainda não colocou em prática e 10% declarou não ter preocupação. Braidó (2014) chegou à conclusão de que 56% dos questionados tem preocupação com o futuro e já se planeja, 19% já tem um planejamento, mas ainda não colocou em prática, 15% têm planejamento, já colocou em prática e o segue rigorosamente, 8% têm preocupação, mas ainda não colocou em prática e 2% não tem preocupação com o futuro.

Essa diferença de resultados é explicada pelo fato do estudo de Braidó (2014) ter sido realizado com alunos de cursos de gestão, com predominância de idade de até 35 anos, visto que os jovens a cada dia mais estão mais preocupados com a aposentadoria. Além disso, 47,12% dos seus questionados cursam Administração, curso esse que possui disciplinas na área de finanças, gerando nos alunos uma maior preocupação e responsabilidade em relação ao seu futuro.

Quando perguntado sobre endividamento, 52% afirmaram não se considerar endividado, o que não é confirmado pela resposta seguinte, na qual foi perguntada qual a porcentagem de sua renda mensal era destinada a empréstimos, financiamentos e parcelas. 53% dos respondentes afirmam que tem mais de trinta por cento de sua renda comprometida com empréstimos e financiamentos. O comprometimento excessivo com parcelas é prejudicial para o orçamento financeiro, pois com várias dívidas, fica difícil do questionado organizar seu orçamento mensal. Pode-se atrelar esse endividamento a política de juros praticada pelo governo, com taxas atrativas, facilidade em diversas linhas de créditos e a não realização de planejamento financeiro pessoal são os fatores que levam a gastos excessivos e por consequente, o endividamento da população. Com o aparecimento de imprevistos (como doença ou desemprego, por exemplo), o endividado termina não tendo capacidade financeira para quitar suas obrigações, acarretando em juros, encargos multas e restritivos em seu nome. Uma das consequências disso pode ser a perda de patrimônio. Corroborando com o presente estudo, Oliveira et al. (2018) concluíram em seu estudo que 62% dos questionados em seu trabalho possuíam ao menos uma dívida em seu nome.

Em seguida, foi perguntada qual a porcentagem da renda mensal era destinada para serviços essenciais (alimentação, transporte, saúde e moradia), 60% dos entrevistados, declaram que gastam de trinta a cinquenta por cento, 27% acima de cinquenta por cento, 11% até trinta por cento e 2% afirmaram gastar até dez por cento de sua renda mensal com serviços considerados essenciais.

Portanto, infere-se que mais de 65% das pessoas que não fazem planejamento é devido a falta de orientação. A ausência desses ensinamentos gera uma não realização do planejamento financeiro sem o controle de receitas e despesas sejam mensais, quinzenais ou

semanais. Somado a isso, o endividamento é uma das consequências da falta de conhecimento em finanças, na qual foi visto que 53% das pessoas estão com parcelas superiores a 30% da renda mensal. Outro ponto em que fica evidenciado a falta de ensino referente a finanças é quando perguntado sobre a reserva de emergência, apenas 20,83% dos respondentes conseguem manter seu padrão de vida durante seis meses caso viesse a perder sua fonte de renda. A proposta de inserir a educação financeira no ensino básico dos jovens seria de fundamental importância, pois irá gerar o conhecimento necessário para uma boa elaboração do planejamento financeiro das pessoas. Tendo em vista que isso refletiria em adultos menos endividados no futuro, com maior segurança na gestão de suas finanças e com consciência financeira para realizar investimentos.

4.3 Investimento

Para descobrir o nível de conhecimento em investimentos que os respondentes da presente pesquisa possuem, esse bloco de perguntas buscou obter respostas sobre investimento financeiro. Foi observado que 51% dos entrevistados realizam algum tipo de aplicação, número esse que poderia ser um pouco maior, visto que 60% afirmou anteriormente que realizam planejamento financeiro. O controle dos gastos e investimentos está intimamente ligado, uma vez que, quando se anota todas as entradas e saídas de dinheiro é possível verificar como está sendo gasto seu dinheiro, a partir daí começa a poupar e por consequente começa a investir. Além disso, com o conhecimento para realização do plano financeiro, se tem uma maior habilidade para operar no mercado financeiro.

Pode-se considerar um percentual baixo quando comparado com o estudo de Braidó (2014), no qual ele concluiu que 76,3% dos respondentes realizam investimentos financeiros, o que justificado pelo fato do estudo dele ter sido feito com alunos estudantes da área de gestão dos quais mais de 95% deles possuem até trinta e cinco anos de idade, o que diverge no nosso estudo, pois 73% dos respondentes possuem idade igual ou superior a 31 anos. Dietrich (2016), em seu estudo com os alunos de um curso de especialização em uma instituição de ensino superior no Rio Grande do Sul, concluiu que 93,98% dos questionados possuem até 45 anos de idade e que 77,1% realizam algum tipo de investimento financeiro. Portanto, diante disso, deduz-se que o investimento financeiro é realizado mais por públicos jovens quando comparado as três pesquisas realizadas.

Quanto à finalidade, dentre as pessoas que realizam investimentos 45,10% afirma que investe, mas sem nenhum objetivo traçado, 17,65% almejam uma maior segurança em sua aposentadoria, 15,69% investem com a finalidade de adquirir sua casa própria, 11,76% para comprar um automóvel e 9,80% afirmou que investe para realizar a viagem dos sonhos. Acredita-se que o número de investidores sem objetivo específico seja devido ao fato de que 56% dos respondentes possuem idade superior a 40 anos e que já possuem patrimônio, em virtude disso, investem, mas sem a perspectiva de utilização desse valor e sem objetivo específico. Somado a isso, anteriormente, 51% afirmaram que possuem reserva de emergência, o que pode justificar o alto percentual de pessoas que investem sem objetivo, uma vez que, eles deixam o valor aplicado e só resgatam mediante eventual necessidade.

Investir sem um objetivo específico de curto médio ou longo prazo pode prejudicar o planejamento dos investimentos, visto que definir a meta é um dos primeiros passos para

quem quer se tornar um investidor. Além do mais, um investidor com objetivo definido irá ter um maior acompanhamento na evolução de seus rendimentos. Em um estudo com alunos de especialização, Dietrich (2016) aplicou a mesma questão e concluiu que 33,59% dos seus entrevistados investem para adquirir um imóvel, 30,47% investem sem objetivo, 17,97% para aposentadoria, 3,91% para fazer uma viagem, mesmo percentual para adquirir um veículo e 10,16% afirmou que investem por outros motivos. O referido trabalho teve 71,69% dos respondentes, pessoas com até 35 anos de idade. Nota-se que quando comparado ao presente estudo, o número de pessoas que investem para adquirir um imóvel dobrou, fato esse que pode ser explicado pelo percentual de faixa etária dos respondentes, como no presente estudo, a maior parte dos entrevistados, 56%, possuem idade superior a 41 anos, acredita-se eles já possuem a casa própria o que justifica a diferença no percentual desse objetivo quando comparado os dois trabalhos.

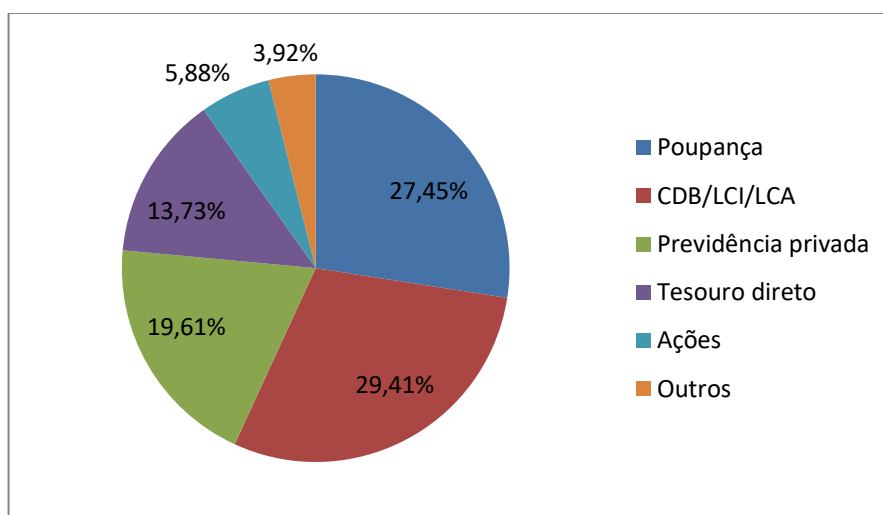


Gráfico 2- Qual o tipo de investimento financeiro realizado
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Observa-se no Gráfico 2, os tipos de investimentos realizados pelos entrevistados, 29,41% dos que investem, aplicam seu dinheiro em LCI/LCA/CDB, 27,45% investem em poupança, 19,61% previdência privada, 13,73% em tesouro direto, 5,88% em ações e 3,92% afirmou investir em outros produtos financeiros. Constata-se que dentre os investidores dessa pesquisa, 94,12% investem em produtos de renda fixa, que é aquele tipo de investimento em que o investidor pode conhecer a rentabilidade no momento da aplicação e que possui também um menor risco, quando se compara ao mercado de renda variável. Somado a isso, conclui-se que o perfil do investidor dos entrevistados é o conservador, que é aquele perfil mais avesso ao risco, que prefere ter uma segurança maior, mesmo com uma rentabilidade menor, tendo os produtos de renda fixa como seu investimento. Quando comparado com o estudo de Dietrich (2016), verificou-se que 72,66% das pessoas estudadas investem na poupança, 29,59% em previdência privada, 15,63% em CDB/LCI/LCA, 13,28% em imóveis e 15,64% afirmou realizar outros tipos de investimentos. Oliveira et al. (2018) concluíram que os investimentos em renda fixa (poupança, CDB, letras de crédito) faziam parte da carteira de 62% dos respondentes, 23% investiam em imóveis, 7% em título de capitalização, 5% em previdência privada e 3% em ações. Nota-se que nas três pesquisas o investimento em renda

fixa predominou e a renda variável ficou muito abaixo, o que pode ser explicado pelo alto risco que esse investimento traz consigo. Além disso, não se consegue prever qual será sua rentabilidade. Pode-se ainda atribuir que para investir em renda variável exige por parte do investidor a necessidade de possuir um maior nível de conhecimento a respeito do tema e uma experiência de mercado maior para assim potencializar os ganhos e minimizar as perdas.

Foi perguntado qual o percentual de renda em que o investidor destina para os seus investimentos, 45,28% até dez por cento de sua renda, 33,96% de dez a vinte por cento, 13,21% de vinte a trinta por cento e 7,55% mais de trinta por cento de sua renda mensal para investimento de curto, médio ou longo prazo. Foram obtidas 53 respostas, duas a mais que as três perguntas anteriores relacionadas a investimentos. Pode-se deduzir que em algum momento de sua vida essas duas pessoas já realizaram investimento financeiro, mas atualmente não realiza mais. Em seu estudo Oliveira (2018) et al. afirmaram que 51% dos questionados destinam até dez por cento de sua renda para investimentos, 30% disseram que investem entre dez e trinta por cento de sua renda mensal e 19% afirmaram que destinam mais de trinta por cento da renda mensal para investir. Comparando os dois estudos, o número de pessoas que investem até 10% da renda mensal se equivalem. Nota-se que os entrevistados destinam uma baixa parcela do orçamento financeiro mensal em produtos que irão trazer um retorno para suas finanças.

Em seguida foi questionado se o respondente investiria em algum produto com um maior risco para obter um maior retorno e 70% da amostra respondeu que não realizaria um investimento que traz consigo um maior risco mesmo que obtenha um maior retorno. Na sequência, foi colocada uma escala de 1 a 5, para o respondente elencar qual o risco ele assumiria para seu investimento, na qual 1 seria o risco mínimo e 5 o risco máximo assumido, verificou-se que 36% assumem o risco 1, 25% risco grau 2, 17% assumem até 3 como risco máximo, 15% risco 4 e 7% assumiria o risco máximo para investimento. Fato esse que explica as respostas quando se perguntou qual o tipo de investimento era realizado, e concluiu-se que apenas 5,88% investem em ações, pois é um produto com maior risco, porém que irá trazer um maior retorno sob o capital aplicado. Conclui-se que 61% dos entrevistados não toleram o risco e possuem perfil conservador, caracterizado por não aceitar riscos e preferir investimentos em renda fixa, com as possibilidades de perdas reduzidas ao extremo, sabendo da rentabilidade no momento da aplicação, opta-se por retorno menor, porém com uma maior segurança em seus ativos.

Quando perguntado qual a atitude seria tomada caso o investimento começasse a gerar perdas, 54% afirmaram que resgatariam a aplicação e 46% deixaria o dinheiro aplicado e ficaria aguardando uma melhora no cenário econômico. A falta de conhecimento prático e teórico sobre o assunto explica a resposta para essa pergunta, pois essa ausência gera um cenário de incerteza e medo. Com isso, a qualquer oscilação por menor que seja, o investidor, acaba optando por resgatar o capital aplicado.

Em suma, ficou evidenciado que 51% dos respondentes realizam investimento financeiro, índice que poderia ser maior, uma vez que esses resultados vão de encontro aos obtidos na seção anterior sobre planejamento financeiro pessoal na qual concluiu que 60% organizam receitas e despesas. Esses dois assuntos se relacionam, uma vez que para realizar investimentos é imprescindível que seja realizado o planejamento financeiro pessoal. A ausência de conhecimento em aplicações financeiras gera uma insegurança em investir o capital, fato que está ligado ao baixo nível de investimento em rendas variáveis, pois essa

aplicação requer do investidor um maior grau de conhecimento prático e teórico do assunto. Ademais, a não existência de finalidade do investimento é outro ponto que merece atenção, pois, um investidor com objetivo definido terá um maior foco no quanto precisa aplicar para poder atingir a finalidade definida. Concluiu-se também que o perfil de investimento dos respondentes é conservador, pois 61% não aceitam grandes riscos para sua carteira gerando uma rentabilidade baixa quando comparado aos produtos com mais riscos.

4.4 Finanças pessoais

No último bloco de perguntas procurou-se buscar respostas sobre finanças pessoais e compreender o nível de entendimento que os respondentes têm a respeito desse assunto. De início foi perguntando como o entrevistado se sente em relação ao seu conhecimento em finanças pessoais, 42% afirmou ser razoavelmente seguro em relação ao tema, 30% não muito seguro, 14% responderam nada seguro e a mesma porcentagem foi respondida para muito seguro. Constatou-se que 56% afirmou ser razoavelmente ou totalmente seguros em relação ao seu conhecimento sobre o tema. Esse fato vai de encontro aos resultados obtidos em uma questão mostrada anteriormente que avalia o comprometimento de parcelas em relação a renda mensal, na qual, concluiu que 53% das pessoas comprometem em mais de 30% o orçamento com parcelas de empréstimos e financiamentos, demonstrando não possuir conhecimento sobre educação financeira.

Em seguida, foi perguntado como o entrevistado se sente a respeito de gerenciar seu próprio dinheiro, 42% afirmou ser razoavelmente seguro, 36% se considera muito seguro, 14% não muito seguro e 8% afirmou ser nada seguro em relação a gerir seu próprio dinheiro. Observa-se que 78% afirmou possuir um nível de conhecimento para gerir o seu próprio dinheiro. Corroborando com esses dados quando se questionou se o indivíduo realiza planejamento financeiro, 60% disseram que sim. Com conhecimento e segurança em gerir o próprio dinheiro e com o aprendizado em planejamento financeiro, pode-se atingir um elevado grau de educação financeira, evitando assim o alto nível de endividamento e ocasionando o aumento no número de investimentos.

Tabela 2 - Onde foi adquirido o conhecimento para gerenciar o próprio dinheiro

Fonte do conhecimento	Frequência absoluta	Frequência relativa
Nunca fui educado	19	19,00%
Em casa	13	13,00%
Amigos	8	8,00%
Faculdade	2	2,00%
Revistas, livro, tv, rádio.	5	5,00%
Experiência prática	46	46,00%
Escola	1	1,00%
Cursos	6	6,00%
Total	100	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Quando perguntado como foi adquirido o conhecimento sobre finanças pessoais, conforme demonstrado na Tabela 2, 46% afirmou que foi adquirido graças a sua experiência na prática, 13% em casa, 8% teve seu conhecimento adquirido com amigos, 6% adquiriu através de cursos, 5% em revistas e livros, apenas 3% teve seu conhecimento adquirido com aulas na escola e faculdade e 19% afirmou que nunca foi educado financeiramente. Braido (2014) concluiu em seu estudo com os estudantes que 51,96% dos entrevistados tiveram conhecimento adquirido com os pais, 19,12% aprendeu através da experiência prática, 14,22% aprendeu no curso superior, 6,86% aprendeu na escola, 4,9% em cursos e palestras e 1,96% nunca foi educado financeiramente. Nota-se que na presente pesquisa há um elevado número de pessoas que nunca foram educadas financeiramente, o que pode ser justificado pela elevada idade dos respondentes desse questionário, 56% tem idade acima de 41 anos. Quando comparado com o estudo feito por Braido, observa-se que esse índice cai drasticamente, que é justificado pelo fato da referida pesquisa ter sido feita com alunos da área de gestão e com uma faixa etária mais baixa, 95,19% têm até 35 anos.

Portanto, fica evidenciada que a educação financeira não é ensinada no ensino básico e, por consequente, têm-se um baixo nível de conhecimento em finanças pessoais. Na presente pesquisa quase metade dos respondentes teve seu conhecimento adquirido na prática, o que pode se tornar perigoso, tendo em vista que muitas vezes é preciso errar para depois aprender com os erros e durante esse processo de aprendizagem pode acabar se endividando cada vez mais, perdendo o controle de suas finanças. No trabalho citado, mais da metade dos respondentes tiveram seu conhecimento passado por gerações o que pode ser arriscado, uma vez que, se os pais tiverem adquirido o conhecimento errado sobre educação financeira, esse erro poderá passar de pai pra filho.

Em seguida foi indagado ao entrevistado uma situação prática real. Caso ele colocasse R\$100,00 na poupança hoje, com um rendimento de 10% ao ano, daqui a cinco anos quanto ele terá ao final? 63% afirmou que teria mais de R\$150,00, 27% que teria exatamente R\$150,00, 6% respondeu que iria possuir menos de R\$150,00 e 4% afirmou não saber. Pode-se concluir que os entrevistados possuem noção de juros compostos - aquele que incide sempre sobre o montante referente ao mês anterior -, com esse entendimento, 63% responderam de forma correta a pergunta realizada e entendem como funciona a remuneração dos investimentos.

Posteriormente criou-se uma situação hipotética em que dois irmãos receberiam uma herança, José herdaria R\$10.000,00 hoje e Pedro irá herdar R\$10.000,00 daqui a três anos, foi perguntando quem seria mais rico dos dois. 50% dos entrevistados responderam que José seria mais rico, 36% disse que eles seriam igualmente ricos, 8% disseram não saber e 6% que Pedro seria o mais rico dos dois. Com os dados obtidos, conclui-se que os respondentes têm a noção de que com o passar do tempo o poder de compra irá diminuir, logo, quem possui mais dinheiro na data atual, será mais rico quando comparado o mesmo valor no futuro.

Em seguida, foi criada outra situação hipotética de que no ano de 2022 a renda do respondente irá dobrar juntamente com os preços de todas as coisas e foi perguntado o que poderá se comprar com a renda mensal. 50% responderam exatamente o mesmo, 42% afirmaram que compraria menos do que se compra hoje, 7% comprariam mais do que se

compra hoje e 1% afirmou não saber. Como a renda e os preços dos produtos irão dobrar quem respondeu corretamente foi quem afirmou que compraria exatamente o mesmo, no entanto, se só o preço dos bens aumentasse, a população perde o poder de compra, comprando menos itens pelo mesmo valor.

A pergunta seguinte é sobre investimentos e foi questionado o fato de um investidor distribuir seus investimentos em vários ativos, qual era o comportamento do risco da operação. 57% afirmaram que o risco de gerar perdas irá diminuir, 27% diz não saber, 9% que o risco irá aumentar e 7% assinalaram que o risco não se altera. Portanto, pode-se verificar que os questionados têm noções de investimentos, pois, 57% responderam de maneira correta a afirmação. A diversificação é o processo em que o investidor, divide seus investimentos em vários produtos a fim de minimizar os riscos da operação, maximizando os ganhos.

Por fim, perguntou-se em um longo período de tempo, qual o investimento traria maior retorno, 61% concluiu que ações traria maior retorno financeiro para o investidor, 17% afirmou que títulos públicos, 14% afirmou não saber e 8% que a poupança era o investimento que traria mais retorno para o investidor. Infere-se que os respondentes têm o conhecimento que investir em ações traz maior retorno, porém, associado a isso, têm-se o elevado risco da operação, o que pode ser explicado quando se verificou que apenas 5,88% dos investidores aplicam seu capital em ações.

Diante do exposto, conclui-se que 78% dos questionados sentem-se seguro em relação a gerir seu próprio dinheiro, o que é justificado pelo fato de 81% terem algum tipo de conhecimento no que diz respeito sobre esse tema. Em virtude disso, as perguntas que criam situações hipotéticas foram respondidas pela maioria dos entrevistados de maneira correta, consequentemente pode-se inferir que com as respostas obtidas fica evidente que os respondentes possuem noção a respeito de educação financeira, no entanto, apenas 9% tiveram seu conhecimento obtido através de aulas em curso, escolas ou faculdade, o que demonstra que educação financeira ainda é deficitária nos meios acadêmicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação financeira permite ao indivíduo tomar decisões conscientes, que envolvam recursos financeiros, por isso, torna-se necessário possuir conhecimento a respeito desse tema. Tendo em vista que é através desse entendimento que o indivíduo terá uma maior segurança em relação ao seu futuro financeiro para gerir suas finanças e tomar decisões corretas e planejadas, compreendendo o dinheiro e entendendo os riscos e consequências para cada escolha tomada. Somado a isso, um bom planejamento financeiro com controle rígido de entradas e saídas de dinheiro, é possível verificar onde e como está sendo gasto o salário recebido ao fim do mês trabalhado. Com um elevado nível de educação, um elaborado planejamento financeiro com todas as receitas e despesas elencadas e noções sobre investimentos, a pessoa saberá o quanto de sua renda mensal poderá ser destinado para investimento e em quais produtos serão aplicados os seus recursos para que o ganho seja otimizado. Investir é o ato de alocar recursos em determinado produto financeiro com o objetivo de que se tenha retorno após determinado período de tempo.

Diante da necessidade de compreender os conceitos acima descritos, essa pesquisa teve como objetivo identificar como os clientes de uma agência bancária localizada em João Pessoa organizam suas finanças pessoais. Especificamente, verificar o percentual de usuários

dos serviços bancários da agência pesquisada que realizam planejamento financeiro; identificar o percentual de usuários dos serviços bancários da agência pesquisada que realizam investimentos e investigar o nível de conhecimento sobre finanças pessoais dos usuários dos serviços bancários da agência pesquisada.

Para tanto, essa pesquisa foi de caráter descritivo e abordagem quantitativa, pois visa estudar a forma como os entrevistados realizam seu planejamento financeiro, identificando se realizam investimentos e o nível de conhecimento em finanças pessoais. Utilizou-se de um questionário estruturado para a coleta de dados primários, composto por 31 questões objetivas respondidas por 100 clientes de uma instituição financeira de João Pessoa.

Quanto à realização de planejamento financeiro pessoal, 60% dos respondentes afirmaram que realizam o controle de seus gastos. Desses, 64,18% realizam de forma mensal, 17,91% semanal, 11,94% quinzenalmente e 5,97% realizam o controle de entradas e saídas de dinheiro diariamente. Somado a isso, 36,92% descrevem seus gastos no caderno, 30,77% em planilha financeira, 30,77% em celular e 1,54% afirmou utilizar outros meios para organizar suas finanças. Diante disso, infere-se que existe um hábito dentre os pesquisados de organizar suas finanças anotando todas as receitas e despesas de maneira tradicional, ou seja, utilizando lápis e caderno, fato esse, que pode ser justificado pelo perfil dos entrevistados. Em suma, ficou evidenciada a necessidade da elaboração do planejamento financeiro, uma vez que resultará em uma maior segurança no controle das finanças pessoais, evitando o endividamento.

Em relação ao percentual de usuários entrevistados que realizam investimento financeiros, 51% dos questionados afirmaram que realizam algum tipo de aplicação financeira. Dentre os produtos investidos, 29,41% aplica seu dinheiro em CDB/LCA/LCI, 27,45% em poupança, 19,61% em previdência privada, 13,73% em tesouro direto, 5,88% em ações e 3,92% afirmou investir em outros produtos financeiros. Portanto, pode-se concluir que há uma cultura presente nos usuários entrevistados em realizar investimento. Como também, pode-se concluir que o perfil de investidores é conservador, uma vez que, 90,2% investem em produtos de renda fixa, que é aquele produto que traz menor risco e que oferece uma maior segurança, porém apresenta uma menor rentabilidade. Corroborando com isso, 61% afirmou não tolerar riscos em seus investimentos, fato esse que justifica o baixo percentual de investidores em produto de renda variável. Além disso, realizar investimentos em renda variável exige por parte do investidor um maior conhecimento prático e teórico de mercado.

Quanto ao conhecimento em finanças pessoais, 42% disse sentir-se razoavelmente seguro, 30% não muito seguro, 14% nada seguro e 14% afirmou ser muito seguro em relação ao conhecimento em finanças pessoais. Fato esse que pode ser explicado quando se indagou ao respondente qual seria o montante final de um investimento de R\$100,00 em um período de 5 anos a uma taxa de rentabilidade de 10% ao ano. Com a noção de juros compostos essa pergunta poderia ser respondida rapidamente e 63% respondeu de forma correta a pergunta realizada, que é um montante maior que R\$150,00, 27% respondeu que seria exatamente R\$150,00, 6% que seria um valor menor R\$150,00 e 4% não saber. Somado a isso, perguntou-se sobre uma situação de um recebimento de herança de dois irmãos. José herda R\$10.000,00 hoje e Pedro herda os mesmos R\$10.000,00 após três anos e pergunta-se qual dos dois seriam mais ricos, 50% respondeu de forma correta José, 36% disseram que eles são igualmente ricos, 8% afirmaram não saber e 6% disseram que Pedro seria o mais rico. Com base nas respostas dadas pelos entrevistados diante de situações hipotéticas, conclui-se que os entrevistados possuem conhecimento no que se compreende por finanças pessoais. Existe uma preocupação com a fonte de conhecimento a respeito de finanças pessoais, no qual, 46% declarou ter como fonte de conhecimento a experiência prática. Essa forma de conhecimento é perigosa, uma vez que, para acertar é necessário errar algumas vezes e quando falamos de orçamento financeiro, um erro pode gerar um super endividamento e comprometer o

orçamento mensal por muito tempo. Somado a isso, o aprendizado na prática, muitas vezes não possui base em técnicas elaboradas, o que pode levar o indivíduo a sensação de que ele possui o conhecimento sobre o tema, mas na verdade ele não possui, pois não conhece os caminhos para uma alfabetização financeira eficaz.

Foi percebido que os respondentes organizam suas finanças de maneira mensal, pois, 64,18% disse que o realizava assim. Somado a isso, o caderno foi o meio mais utilizado para discriminar as receitas e despesas. Pôde-se verificar que em relação ao futuro, 43% afirmou ter preocupação, mas ainda não colocou em prática, o que pode evidenciar uma falta de instrução sobre como realizar esse planejamento em relação ao futuro. A realização de planejamento financeiro traz consigo uma série de benefícios, pois além de ajudar a controlar os gastos e despesas, pode-se avaliar o nível atual de endividamento. Além disso, é através dele que se deve começar a investir, pois, só com um controle elaborado das finanças é que se verifica parcela mensal da renda que poderá ser destinada para aplicações, sem comprometer o orçamento financeiro mensal. Diante do exposto, considera-se que os objetivos estabelecidos foram alcançados, uma vez que foi identificado o percentual de usuários entrevistados que realizam planejamento e investimento financeiro e pôde-se verificar o nível de conhecimento a respeito de finanças pessoais.

Apesar dos objetivos terem sido alcançados, a presente pesquisa possuiu algumas limitações. A pandemia do Covid-19 restringiu a circulação de pessoas na cidade, em consequentemente nos bancos, local onde foi aplicado o questionário, o que impossibilitou aumentar o tamanho da amostra. Somado a isso, outra limitação foi o tempo para aplicação de cada questionário, uma vez que em pandemia, para evitar aglomeração, o número de clientes simultâneos na referida agência foi reduzido e como havia pessoas aguardando atendimento fora da agência teve-se que ser o mais rápido possível, tanto o atendimento quanto a entrevista para o questionário.

Como sugestão para pesquisas futuras o presente estudo poderá se estender a outros temas, como por exemplo, o endividamento, uma vez que no presente estudo quase metade dos respondentes se consideram endividados e os gastos com cartão de crédito que atualmente é um dos produtos que grande parte da população conhece ou já ouviram falar.

6 REFERÊNCIAS

Banco Central do Brasil (BACEN). **Estatística de Relacionamento e de CPFS e CNPJ Envolvidos**. Dezembro de 2018.

BALANÇO DO TESOUREIRO DIRETO. [S. l.], 29 dez. 2018. Disponível em: <http://www.tesouro.gov.br/documents/10180/639446/Balan%C3%A7o+TD+-+Dezembro+18/ab8d902f-e762-45a2-a9fb-4e5af01d923e>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BALTHAZAR, Mario; MORGADO, Paulo; CABELLO, Otávio. **Alternativas de investimento em renda fixa no Brasil: Comparação entre um banco de investimento e um banco de varejo**. Revista Evidenciação Contábil & Finanças, ISSN 2318-1001, João Pessoa, v.6 n.2, p.36-57, mai./ago.2018.

BERTO, Rosa Maria Villares et al. A produção científica nos anais do Encontro Nacional de Engenharia de Produção: um levantamento de métodos e tipos de pesquisa. **Production**, v. 9, n. 2, p. 65-75, 1999.

Bolsa de Valores e a quantidade de novos investidores. **Diário do comércio**, Belo Horizonte, 23 de jun. de 2020. Disponível em: <<https://diariodocomercio.com.br/opinioao/bolsa-de-valores-e-a-quantidade-de-novos-investidores/>>. Acesso em: 30 de set. de 2020.

BRAIDO, Gabriel Machado. Planejamento Financeiro Pessoal dos Alunos de Cursos da Área de Gestão: estudo em uma instituição de ensino superior do Rio Grande do Sul. **Revista Estudo & Debate**, v. 21, n. 1, 2014.

BRASIL, Banco Central do Brasil. Relatório de inclusão Financeira. 2011. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/RIF/RIF2011.pdf>. Acesso em: 30 de set. de 2020.

Brasil, Bolsa e Balcão (B3). Disponível em: <http://www.b3.com.br/pt_br/produtos-e-servicos/negociacao/renda-variavel/acoes.htm>. Acesso em: 01 de set. de 2020.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/inflacao.php>>. Acesso em: 30 de set. de 2020.

BROGINI, Gilvan. **Tributação e benefícios fiscais**. IBPEX, São Paulo, 2008.

CERBASI, Gustavo. **Como organizar sua vida financeira**. Elsevier Brasil, 2009.

CERBASI, Gustavo. **Investimentos inteligentes: Guia de estudos**. Thomas Nelson Brasil, 2009.

CLAUDINO, Lucas Paravizo; NUNES, Murilo Barbosa; SILVA, FC da. Finanças pessoais: um estudo de caso com servidores públicos. **Anais do SEMEAD-Seminários em Administração, São Paulo, SP, Brasil**, v. 12, 2009.

CRELIER, Cristiane. PNAD Contínua: taxa de desocupação é de 13,3% e taxa de subutilização é de 29,1% no trimestre encerrado em junho de 2020. **Agência IBGE Notícias**, Rio de Janeiro, 06 de ago. de 2020. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28478-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-13-3-e-taxa-de-subutilizacao-e-de-29-1-no-trimestre-encerrado-em-junho-de-2020>>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

DE ALMEIDA, Andre Luís Fernandes. **Estudo do mercado brasileiro de renda fixa e o perfil do investidor brasileiro**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DIETRICH, Jônatas; BRAIDO, Gabriel Machado. Planejamento Financeiro Pessoal para Aposentadoria: um estudo com alunos dos cursos de especialização de uma instituição de ensino superior. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 11, n. 2, 2016.

DOMINGOS, Reinaldo. Terapia financeira: quebre o ciclo de gerações endividadas e construa sua independência financeira. **São Paulo: Elevação**, 2007.

DONADIO, Rosimara; DE ABREU CAMPANARIO, Milton; DE SOUSA RANGEL, Armênio. O papel do da alfabetização financeira e do cartão de crédito no endividamento dos consumidores brasileiros. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 11, n. 1, p. 75-93, 2012.

ESTATÍSTICA SOBRE O SISTEMA FINANCEIRO. [S. l.], 29 dez. 2018. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estatisticas/estatisticasclientessfn>. Acesso em: 10 mar. 2019.

Estratégia Nacional de educação Financeira – ENEF. Banco Central do Brasil. Disponível em: <<https://www.vidaedinheiro.gov.br/quemsomos/>> Acesso em: 30 de set. de 2020.

FRANKENBERG, Louis. **Seu futuro financeiro: você é o maior responsável**. Gulf Professional Publishing, 1999.

HUNG, Angela; PARKER, Andrew M.; YOONG, Joanne. Defining and measuring financial literacy. 2009.

LEMES Júnior, Antonio B.; RIGO, Cláudio M.; CHEROBIM, Ana Paula M. S. Administração financeira: princípios, fundamentos e práticas trabalhistas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005

LIZOTE, Suzete Antonieta et al. Finanças pessoais: um estudo envolvendo os alunos de ciências contábeis de uma Instituição de Ensino Superior. **Revista da UNIFEFE**, v. 1, n. 19, p. 71-85, 2017.

LOPES, Fernando Augusto. Bancos digitais: números de usuários pode chegar a 44 milhões em 2020. **Eu quero investir**, Balneário Camboriu, 01 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://www.euqueroinvestir.com/bancos-digitais-numero-de-usuarios-pode-chegar-a-44-milhoes-em-2020/>>. Acesso em: 30 de set. de 2020.

MATTAR, F. N.. **PESQUISA DE MARKETING: Metodologia e planejamento**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MEDEIROS, Israel. Número de pessoas físicas na Bolsa de Valores dobra em relação a 2019. **Correio Braziliense**, Brasília, 08 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/06/08/internas_economia,861914/numero-de-pessoas-fisicas-na-bolsa-de-valores-dobra-em-relacao-a-2019.shtml#:~:text=Entre%20os%20anos%20de%202011,que%20ultrapassa%20R%24%20303%20bilh%C3%B5es>. Acesso em: 03 de out. de 2020.

NASCIMENTO, João; MACEDO, Marcelo; SIQUEIRA, José; BERNADES, Juliana. **Alfabetização financeira: Um estudo por meio da aplicação da teoria da resposta ao item**. Administração: Ensino e Pesquisa, Rio de Janeiro v.17 n. 1 p.147-175 jan./fev./mar./abr. 2016.

OLIVEIRA, Matheus de Freitas et al. Planejamento Financeiro Pessoal dos Estudantes de uma Instituição de Ensino Público Sul-mato-grossense. **Revista de Administração do UNIFATEA**, v. 16, n. 16, 2018.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. Planejamento Estratégicos: Conceitos Metodologia e Práticas. São Paulo. Atlas, 1999.

ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO E DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO-OCDE.-Recommendation on principles and good practices for financial education and awareness. Jul. 2005. Disponível em: <https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/35108560.pdf>> Acessado em: setembro de 2020.

PICCINI, Ruberlan Alex Bilha; PINZETTA, Gilberto. Planejamento financeiro pessoal e familiar. **Unoesc & Ciência-ACSA**, v. 5, n. 1, p. 95-102, 2014.

PIRES, Valdemir. Finanças pessoais fundamentos e dicas. **Piracicaba: Editora Equilíbrio**, 2006.

SANTOS, Luiz; WILLHELM, Pedro. **Investidor tradicional de renda fixa – perfil de risco e o nível de preparo**. Revista de negócios, Blumenau, v.7, n.3, p39 – 48, julho./setembro 2002.

POTRICH, Ani Caroline Grigion; VIEIRA, Kelmara Mendes; CERETTA, Paulo Sergio. Nível de alfabetização financeira dos estudantes universitários: afinal, o que é relevante?. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 12, n. 3, p. 315-334, 2013.

POTRICH, Ani Caroline Grigion; VIEIRA, Kelmara Mendes; KIRCH, Guilherme. Determinantes da alfabetização financeira: análise da influência de variáveis socioeconômicas e demográficas. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 26, n. 69, p. 362-377, 2015.

ROBB, Cliff A.; BABIARZ, Patryk; WOODYARD, Ann. The demand for financial professionals' advice: The role of financial knowledge, satisfaction, and confidence. **Financial Services Review**, v. 21, n. 4, 2012.

SANTOS, Adla Carla; SILVA, Maciel. Importância Do Planejamento Financeiro No Processo De Controle Do Endividamento Familiar: Um Estudo De Caso Nas Regiões Metropolitanas Da Bahia E Sergipe. **Revista Formadores**, v. 7, n. 1, p. 05-17, 2014.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; DE ANGELIS SANTANA, Flávia. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública-RAP**, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, 2007.

SEGUNDO FILHO, José. **Finanças pessoais: invista no seu futuro**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

SILVA, Adrielle Jesus; PAIXÃO, Roberto Brasileiro; MOTA, Fábio Lemos. Planejamento financeiro pessoal. Uma abordagem sobre as contribuições da administração financeira na gestão dos recursos pessoais. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Custos-ABC**. 2014.

SILVA, Jucyara; NETO, Odilon; ARAUJO, Rebeca. **Educação financeira de servidores públicos: hábitos de consumo, investimento e percepção do risco**. Revista Evidenciação Contábil & finanças, ISSN 2318-1001, João Pessoa, v.5, n.2, p.104-120, mai./ago.2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Saulo; BATAGLIA, Regiane; SEREIA, Vanderlei. **Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: Uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná**. Revista de Administração da UNIMEP. v.9, n.3, Setembro/dezembro-2011. ISSN 1679-5350.

VIEIRA, Kelmara Mendes et al. Alfabetização financeira dos jovens universitários rio-grandenses. **Desenvolve Revista de Gestão do Unilasalle**, v. 5, n. 1, p. 107-133, 2016.

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO

BLOCO 1: DADOS SOCIO DEMOGRÁFICOS

1. Gênero

- a) Masculino b) Feminino c) Prefiro não dizer

2. Qual a sua faixa etária?

- a) De 18 a 21 anos b) De 21 a 30 anos c) De 31 a 40 anos d) De 41 a 50 anos
e) Acima de 50 anos

3. Qual seu nível de escolaridade?

- a) Ensino fundamental b) Ensino médio c) Superior d) Especialização
e) Mestrado f) Outros: _____

4. Qual sua renda mensal aproximadamente?

- a) Até R\$ 1.045
b) De R\$ 1.045,01 a R\$2.090,00
c) De R\$ 2.090,01 a R\$ 4.180,00
d) De R\$ 4.180,01 a R\$ 10.450,00
e) Acima de R\$ 10.450,01

5. Qual seu estado civil?

- a) Solteiro b) Casado c) Divorciado d) Viúvo e) Outro

6. Quantos dependentes você possui?

- a) Nenhum b) De 1 a 2 pessoas c) De 3 a 5 pessoas d) Acima de 6 pessoas

BLOCO 2: PLANEJAMENTO FINANCEIRO

7. Você realiza planejamento financeiro pessoal?

- a) Sim b) Não

8. Se não, por qual motivo?

- a) Não acho importante b) Falta de orientação c) Falta de tempo d) Não tenho interesse
e) Outros _____

9. Com qual frequência você realiza o controle dos seus gastos?

- a) Não faço b) Diário c) Semanal d) Quinzenal e) Mensal f. Semestral

10. Qual a forma utilizada para controlar seus gastos?

- a) Não faço b) Planilha eletrônica c) Caderno d) Celular (Aplicativos)
e) Outros: _____

11. Você possui uma reserva de emergência (dinheiro guardado para urgências)?

- a) Sim b) Não

12. Se a partir de hoje você não recebesse mais sua receita (salário), por quanto tempo você conseguiria manter seu atual padrão de vida?

- a) Não possuo reserva de emergência b) Menos de um mês c) Até 3 meses d) Até 6 meses

- e) Até 12 meses f) Mais de 12 meses

13. Sobre o futuro financeiro, você?

- a) Não tem preocupação
- b) Tem preocupação, mas não há planejamento
- c) Já tem planejamento, mas ainda não colocou em prática
- d) Tem planejamento, já colocou em prática

14. Você se considera endividado?

- a) Sim
- b) Não

15. Qual a parcela de sua renda mensal você compromete com financiamentos e parcelas?

- a) Até 10%
- b) Acima de 10% a 30%
- c) Acima de 30% a 50%
- d) Acima de 50%

16. Qual a parcela de sua renda mensal você destina a serviços essenciais? (Alimentação, transporte, moradia e saúde)

- a) Até 10%
- b) Acima de 10% a 30%
- c) Acima de 30% a 50%
- d) Acima de 50%

BLOCO 3: INVESTIMENTO

17. Realiza algum investimento financeiro (Poupança, CDB, Títulos públicos, ações, etc)?

- a) Sim
- b) Não

18. Qual a finalidade do seu investimento financeiro? Marque apenas uma alternativa (aquela que representa melhor a finalidade)

- a) Não realizo investimento
- b) Adquirir um imóvel (Casa, apartamento, terreno...)
- c) Adquirir um veículo (Carro, moto, caminhão...)
- d) Realizar uma viagem
- e) Preparar-se para aposentadoria
- f) Não possuo objetivo definido
- g) Outros. Especificar

19. Qual o tipo de investimento realizado?

- a) Não faço investimento
- b. Poupança
- c. CDB/LCI/LCA
- d. Previdência Privada
- e. Tesouro Direto
- f. Ações
- g. Outros: _____

20. Se investiu, qual a parcela de sua renda mensal você destina a investimentos?

- a) Não faço investimento
- b) Até 10%
- c) Acima de 10 a 20%
- d) Acima de 20% a 30%
- e) Acima de 30%

21. Você realizaria um investimento financeiro com maior risco para obter um maior retorno?

- a) Sim
- b) Não

22. Numa escala de 1 a 5, onde 1 é o risco mínimo e 5 o risco máximo, qual o risco você assumiria para seus investimentos?

- a) 1
- b) 2
- c) 3
- d) 4
- e) 5

23. Se o seu investimento começa a gerar perdas, qual sua ação?

- a) Resgato a aplicação para não perder mais dinheiro
- b) Continuo com o dinheiro aplicado aguardando uma melhora no cenário econômico

BLOCO 4: NIVEL DE CONHECIMENTO SOBRE FINANÇAS PESSOAIS

24. Como você se sente quanto ao seu conhecimento sobre finanças pessoais?

- a. Nada seguro
- b. Não muito seguro
- c. Razoavelmente seguro
- d. Muito seguro

25. Como você se sente a respeito dos seus conhecimentos para **gerenciar** o seu próprio dinheiro?

- a. Nada seguro
- b. Não muito seguro
- c. Razoavelmente seguro
- d. Muito seguro

26. Onde você adquiriu a maior parte dos seus conhecimentos para gerenciar seu dinheiro?

- ☐ () Nunca fui educado financeiramente
- ☐ () Em casa com a família
- ☐ () De conversas com amigos
- ☐ () Em aulas na faculdade
- ☐ () De revistas, livros, TV, rádios, redes sociais
- ☐ () De minha experiência prática
- ☐ () Aprendi na escola
- ☐ () Aprendi em cursos

27. Suponha que você tenha R\$ 100,00 em uma conta poupança a uma taxa de juros de 10% ao ano. Depois de 5 anos, qual o valor que você terá na poupança? Considere que não tenha sido depositado e nem retirado dinheiro

- a) Mais do que R\$ 150.00.**
- b) Menos do que R\$ 150.00.
- c) Exatamente R\$ 150.00.
- d) Não sei

28. Suponha que José herde R\$ 10.000,00 hoje e Pedro herde R\$ 10.000,00 daqui a 3 anos. Devido à herança, quem ficará mais rico?

- a) José.**
- b) Pedro.
- c) Eles são igualmente ricos.
- d) Não sei

29. Suponha que no ano de 2022 sua renda dobrará e os preços de todos os bens também dobrarão. Em 2022 o quanto você será capaz de comprar com a sua renda?

- a) Mais do que hoje.
- b) Menos do que hoje.
- c) Exatamente o mesmo.**
- d) Não sei

30. Quando um investidor distribui seu investimento entre diferentes ativos, o risco de perder dinheiro:

- a) Aumenta.
- b) Permanece inalterado.
- c) Diminui.**
- d) Não sei.

31. Considerando-se um longo período de tempo (ex.: 10 anos), qual investimento, normalmente, oferece maior retorno?

- a) Poupança.
- b) Títulos públicos.
- c) Ações.**
- d) Não sei